

# CARTAS ENTRE ELAS: O UNIVERSO FEMININO RETRATADO NAS CORRESPONDÊNCIAS DE MULHERES DO OITOCENTOS

Rosana de Menezes Santos<sup>1</sup>

História



ISSN IMPRESSO 1980-1785

ISSN ELETRÔNICO 2316-3143

## RESUMO

Falar sobre mulheres é instigante, apesar de todas as mudanças, transformações e turbulências da contemporaneidade, este trabalho tem por intuito analisar o papel do universo feminino por meio de cartas e diários de duas mulheres pertencentes a elite no século XIX. É neste contexto que inserimos nossa pesquisa, cujos objetos norteiam as obras “Memórias de dona Sinhá” de Samuel Albuquerque e Da mãe e amiga Amélia: cartas de uma baronesa e sua filha, de Débora Clasen Paula, duas obras que explorará a dinâmica da pesquisa em que a primeira, Aurélia Dias Rollemberg, por meio de seu diário e a segunda Amélia, Baronesa de Três Serros entre troca de correspondências com sua filha são pano de fundo no aprofundamento na importância da escrita de si, em que retrata o cotidiano feminino como objetos de pesquisa da historiografia brasileira contemporânea. A mulher e a família apresentam-se hoje como temas propícios para a construção de uma nova visão sobre a sociedade colonial e o papel que a mulher assume nesta sociedade.

## PALAVRAS-CHAVE

Escrita de Si. Cartas. Diários. Feminino.

## ABSTRACT

Talking about women is instigating, despite all the changes, transformations and upheavals of contemporary, this study is meant to examine the role of the feminine universe through letters and diaries of two women belonging to the elite in the nineteenth century. It is in this context that we insert our research, whose objects guide the works "Memoirs of Mrs. Sinha" Samuel Albuquerque and from mother and friend Amelia: letters of a baroness and her daughter, Debora Clasen Paula, two works that explore the dynamics of search where in the first, Aurelia Dias Rollemberg through her diary and the second Amelia, Baroness of Three Serros between exchange of correspondence with her daughter are backgrounds to deepen the importance of writing itself, which portrays the female as everyday objects research of contemporary Brazilian history. The wife and family present themselves today as conducive to building a new vision of colonial society and the role that women assume themes in this society.

## KEYWORD

Writing of Itself. Letters. Diaries. Feminine.

## 1 INTRODUÇÃO

Cartas e diários despertam o interesse de quem ler, esses documentos proporcionam novas aventuras em busca de um passado que irá por meio de suas linhas descrever o cotidiano dos indivíduos do século XIX. O historiador faz o papel de mero espectador na transmissão e transição dos fatos pesquisados, é nesse contexto que a escrita de Si desperta o interesse dos pesquisadores e insere neste processo o papel que a mulher ocupa na sociedade do século XIX.

O papel assumido por essas damas como provedora da ordem domiciliar além de esposa, mãe e filha, papéis estes que em algumas ocasiões são tratados como tabu, representa ainda uma lacuna quando é abordado o universo feminino e os mistérios em que são envolvidos. Desvendar e retratar o universo traçado nas entrelinhas de correspondências ou diários, expõem pensamentos e emoções antes vistas ao se referir ao gênero, mesmo que essas mulheres vivessem em uma sociedade preponderantemente masculina.

O gênero é tido como o conjunto que estabelece construções e contrastes na cultura, assim ao falar de gênero não são apenas as mulheres como objeto de estudo em relação aos homens, mas todo o seu contexto. Na visão de Scott (1990, p. 75), "o gênero é um elemento constitutivo das relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos".

Barbosa (2009, p. 24) descreve “a escrita ou leitura de uma correspondência [como] um comportamento que tem a intenção de estabelecer ou manter uma comunicação com o outro, uma relação intersubjetiva”. As duas obras utilizadas como eixo principal para a pesquisa têm a função de retratar a escrita de si, de mulheres de classes abastardas que relatam o seu dia a dia em diários e cartas, e por meio delas podemos observar o ambiente familiar em todo o seu contexto, além da educação ofertada às mulheres.

O universo apresentado nos diários e cartas de mulheres de família abastadas instiga a buscar de resposta sobre o cotidiano e toda a temática que cerca as mulheres desta época. Por meio desta Escrita de Si, adentramos no que antes era apenas mistério. Nele encontraremos qual o tipo de educação estas senhoras recebiam, ao utilizar as obras como referência nas quais elas são mulheres nascidas e educadas no século XIX e pertencem a famílias abastardas. A escrita em diários e cartas teve início com a viuvez, nestes documentos além de relatos do dia a dia informavam acontecimentos ocorridos no período.

Mesmo usando escritas e objetivos diferentes, transmitiam nas entrelinhas características ímpar. A análise da escrita de si passa a ser explorado no tipo de escrita produzida por estas mulheres que provêem valiosas informações além de ser o objeto que estreitava os vínculos familiares, relatando como o seu patrimônio era administrado, os laços de amizade, além do universo familiar retratado em seu diário ou cartas, essas mesmas linhas escritas transmitem e transbordavam sentimentos.

Neste contexto utilizaremos fontes referentes às figuras femininas – principalmente nos discursos do cotidiano da vida privada, situando historiográfica e teoricamente o objeto de estudo. Consolidando-se recentemente como objetos de pesquisa da historiografia brasileira contemporânea, a mulher e a família, apresentam-se hoje como temas propícios para a construção de uma nova visão sobre a sociedade colonial e o papel que a mulher assume nesta sociedade. As manifestações feministas retratadas em seus diários e cartas buscam registros que desvende e analise o místico do dia a dia feminino no oitocentos, e esses mesmos estudos trazem para atualidade narrativas femininas que nos colocam a frente de uma nova realidade já diagnosticada.

## **2 LUGARES ÍNTIMOS: A ESCRITA DAS MEMÓRIAS RETRATADAS NAS CARTAS**

A análise da escrita de si, evidenciada nas duas obras tomadas como eixo principal para o desenvolvimento da pesquisa, fornece valiosas informações de laços afetivos que estas mulheres mantinham e estreitavam por meio das cartas e diários, com os seus vínculos familiares, inserindo neles seus sentimentos, crenças e vivência social. Podemos afirmar que “o processo da memória no homem faz intervir não só a ordenação de vestígios, mas também a releitura desses vestígios” (LE GOFF, 1990).

A visão tradicional das relações entre a história e memória se apresenta sob uma forma relativamente simples: a função do historiador era ser o guardião da memória dos acontecimentos públicos quando escritos para proveitos dos autores, para lhes proporcionar fama e, também, em proveito da posteridade para aprender com o exemplo deles. Para Burke (2000), os historiadores se interessam ou precisam se interessar pela memória, considerando dois pontos de vista: como fonte histórica e como fenômeno histórico.

A função da memória na construção do sujeito no processo da escrita de si colabora no estudo sobre os lugares e o modo como a memória se efetiva. Para quem escreve o papel não é apenas a página em branco a ser preenchido com estruturas linguísticas, mas espaço simbólico de luta no qual se estabelece todo o tempo a relação do sujeito-autor com a escrita de si, no espaço de uma folha em branco ou na tela do computador, é tensão.

Entretanto, a memória a princípio expressa o sentido que concebe a presença do passado, a construção psíquica e intelectual que esta acarreta de fato uma representação seletiva do passado, que não é somente aquela do indivíduo inserido num contexto familiar, social, nacional. Para Le Goff (1990, p. 67):

a memória, como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas.

O favorecimento da escrita das mulheres abre condição procedente sobre a condição feminina, trazendo a questão da mulher sob a ditadura patriarcal, através dos relatos encontrados em cartas e diários,

os arquivos pessoais podem atestar, o que o desejo de guardar os próprios documentos pode indicar, será esse anseio de ser, a posteriori, reconhecido por uma identidade digna de nota [...] aos interesses do próprio indivíduo que manda gravar, revela assim Um desejo mais forte do que a própria razão. (RIBEIRO, 1998, p. 35-36).

Observa-se na escrita de si o vínculo sentimental que são estabelecidos entre remetente e destinatário, podemos descrever a escrita como prática cultural, um instrumento intelectual que consente vincular as ideias, é um suporte à memória, que favorece a elaboração de tipos específicos reflexivos, estruturados no modo diferenciado no pensamento. "A escrita não se limita, pois, à transcrição da fala, mas é um sistema de representação de idéias que possui especificidades" (SILVA; BATISTA, p. 3).

Partindo desse princípio, acreditamos que a escrita tem a noção de uma reflexão sobre o exercício desta escrita. O que se põe em cena, portanto, neste tipo de escrita é o direito à memória, o direito ao passado, que é um direito que as sociedades desenvolvidas não só respeitam e provêem, mas também tomam como critério para as suas transformações. Adquirindo caráter de prática social como cicatriz, que se articula.

A escrita de si assume a subjetividade de seu autor como dimensão integrante de sua linguagem, construindo sobre ela a "sua verdade". [...] O que passa a importar para o historiador é exatamente a ótica assumida pelo registro e como seu autor a expressa. Isto é, o documento não trata de "dizer o que houve", mas de dizer o que o autor diz que viu, sentiu e experimentou, retrospectivamente, em relação a um acontecimento. (GOMES, 2004: 14).

Escrita de si, histórias de vida, escrita autobiográfica, escrita autor referencial e narrativas de vida são expressões que representam um gênero de escritura onde o autor fala de si e nele estão contidos,

os arquivos privados, outro sótão da história [...] na medida em que as mulheres neles se exprimiam de forma bem mais abundante [...] nos quais elas preservam os anais do lar, correspondências familiares cujos escribas habituais são elas, diários íntimos cujo emprego é recomendado às jovens solteiras pelos confesores e, mais tarde, pelos pedagogos, como uma forma de controle sobre si. (MAUX, 2011, p. 2).

O desejo do indivíduo ao escrever é transmitir com o anseio de se "possível estar junto, próximo ao outro através e no objeto carta" (GOMES, 2004 apud Paula, 2008, p. 20), essa linguagem aplicada e o vocábulo contidos nas cartas ou diários, demonstravam afetividade entre quem emitia e quem recebia a correspondência, com relação as cartas é sentido de confidente e ouvinte, com o diário se destacando como um ouvinte mudo. O desejo de estar perto do ente querido como

sua relação de complementaridade com a anacorese: atenua os perigos da solidão; dá o que se viu ou pensou a um olhar possível; o facto de se obrigar a escrever desempenha o papel de um companheiro, ao suscitar o respeito humano e a vergonha; podemos pois propor uma primeira analogia: aquilo que os outros são para o asceta numa comunidade, sê-lo-á o caderno de notas para o solitário. (FOUCAULT, 1992, p.131)

Observa-se que nas cartas, diários e manuscritos eram permitido perceber a vida pública daqueles que escreviam e era evidenciado que essa vida era ocupada

pelos homens, constatando assim um volume maior sobre eles. Na construção de uma carta pode demonstrar que “[...] [a] correspondência nos fornecem informações tanto sobre temas como o cotidiano e outras questões que envolvem estas famílias” (VENÂNCIO 2005, p. 56 apud BARBOSA, 2009, p. 36). As cartas,

são documentos relacionais. Através da leitura de um conjunto de correspondências pode-se entrever um grupo contíguo. Ao contrário de outras fontes, as cartas funcionam como uma via privilegiadas para investigar relações pessoais porque permitem distinguir marcas de relações mútuas. A prática epistolar de um indivíduo só existe em função de outro, para quem se enuncia uma fala e de quem se aguarda uma resposta. É, portanto uma via de mão dupla, um ir e vir entre uma intenção prenunciada, uma espera ansiosa e uma resposta almejada que tem por função o reinício do processo. (VENÂNCIO 2005, p. 56 apud BARBOSA, 2009, p. 36).

A priori podemos apontar que o ato de escrever cartas sofreu um grande impulso, as pessoas letradas puderam conhecer e sofisticar alguns modelos estilísticos atribuídos à escritura de cartas por meio de manuais. A arte de escrever cartas surgiu nas escolas, primeiro na forma de manuais adquiridos pelos nobres e burgueses ou favorecidos com o conhecimento da escrita. Porém, em séculos posteriores couberam às mulheres a tarefa de gerenciar o lar, deste modo a reconstituição do cotidiano nas cartas e diários são conteúdos com informações valiosas sobre as relações sociais e familiares, contexto socioeconômicos, políticos e culturais, cartas trazem minúcias elementos construtivos de um todo que encantam os leitores e estudiosos epistolares.

### **3 A ESCRITA E AS SENSIBILIDADES FEMININAS RETRATADOS EM SEUS ESCRITOS**

O ato de escrever cartas ou diários investia-se de significado especial, no qual o autor transcreve como se estivesse conversando com o seu remetente ou leitor, cujo propósito é o de iniciar (entabular) a conversa, podemos referir a correspondência como “uma maneira de se manifestar para si e para o outro”. (ORRÚ; ANDRADE, 2011, p. 2).

As mulheres do século XIX estariam destinadas a um mundo privado em relação ao seu papel na sociedade, enquanto que aos homens pertenceria o mundo público, o econômico e o político. O pressuposto da inferioridade biológica e intelectual feminino tido como natural com relação a supremacia masculina, como um dos fundamentos do positivismo no século XIX. Podemos destacar que o “eterno feminino” dos determinismos biológicos, nos séculos XVIII e XIX, reforçava a sujeição das mulheres a seu corpo e a seu sexo, argumento que foi rompido a partir das ideias de Michel Foucault que afirmava que não existia o “ser mulher” e nestes estudos sobre gêneros não se fixa papéis.

Podemos destacar que a sensibilidade feminina retratada na escrita das mulheres demonstra que “escrever é mostrar-se, expor-se, aparecer junto ao outro, se oferecer ao olhar do outro. A carta é um exercício que leva à subjetivação do discurso verdadeiro, à objetividade da alma (ORRÚ; ANDRADE, 2011, p. 14). Apesar de fontes escritas, as cartas, revelam-se como um instrumento que exige toda essa engenhosidade pela complexidade das informações que contém, muitas das vezes escondidas por meio de códigos ou sinais.

Quem escreve utiliza a palavra como máscara por qual o leitor vê ou imagina sujeitos e vozes ao imaginário de quem ler. A linguagem é a única forma que o autor dispõe para enxergar a sua própria existência. Portanto, a “carta é algo que, além de aproximar as pessoas, pode revelar algo sobre elas e mesmo sobre quem as recebe. Permite ainda avaliar a intensidade do relacionamento entre elas” (MATTOS, 2010, p. 2).

Nas cartas de Amélia consta a busca de estabilidade e por equilíbrio, retratado no vínculo entre remetente e destinatário, fato não encontrado em Memória de dona Sinhá, neste Aurélia Dias Rollemberg transcreve suas memórias numa linguagem distante em terceira pessoa. A sensibilidade retratada em cada obra diferencia-se na forma de escrever, porém elas têm em comum o descrever o sentimentalismo com relação à família.

#### **4 ANJOS DO LAR: AS MULHERES E A ESCRITA DE SI NA FORMAÇÃO DO GÊNERO**

Um leque de inúmeras possibilidades se abre ao buscar informações a cerca do segmento mulher. Assim, ao realizar o resgate histórico na sociedade brasileira do século XIX, compomos aos poucos o arcabouço teórico necessário para intervir de maneira analítica a situação feminina, compreendendo e analisando a problemática de seu tempo. Ao analisar a educação feminina do século XIX, detectamos a habilidade adquirida da mulher por meio da sua escrita, o processo educativo na família, na escola e na sociedade esclarece como estas mulheres viviam.

Porém, iniciaremos o debate sobre a importância da família e o papel adquirido por ela, “a história da família [...] surgiu numa história de longa duração, das representações inconscientes e dos princípios de organização” (BARBOSA, 2009, p. 14). E inserido neste contexto está à figura do patriarcalismo, que “encontra-se relacionado diretamente ao domínio masculino sobre, não apenas o espaço do místico, mas também nas esferas sociais e políticas” (FARIA, 2000 apud, BARBOSA, 2009, p.19).

A vida da sociedade no século XIX seguia certas condutas, os membros das famílias pertenciam a um universo em que honra, prestígio e dignidade eram funda-

mentais para sua existência, a educação feminina pode ser representada em dois contextos, durante o período monárquico a mulher apresentava-se com a conservação do recato entre homem e mulher, onde se destacam a vergonha e a inocência.

A sociedade brasileira não diferenciava de outras sociedades da época cuja concepção sobre a função que cabia à mulher estava no cumprimento dos papéis de esposa, mãe e filha, e que devia destinar-se ao espaço do lar, utilizando como principal local de sociabilidade a igreja, a missa tinha uma importância inimaginável, o ambiente clerical servia, também, como descreve Priori (2012, p. 25) “o teatro de todas as aventuras amorosas na fase mais ardente – inicial. Só ali as mulheres se aproximavam, e até cochichavam algumas palavras com seus interlocutores”, assim o pensamento do século XIX, difundindo alguns ideais e valores para a educação das mulheres.

[No] imaginário social, exaltava-se a virgindade, o papel de esposa e mãe exemplares. O casamento era apresentado como o ideal da mulher, a concretização dos seus sonhos de juventude, o alvo de sua existência. Amparados na ideia da “natureza frágil e débil” da mulher, reforçava-se a tradição de sua vida tutelada pelo homem, seja seu pai, irmão ou marido, que deveria garantir-lhe a proteção, o sustento e também a honra. (SALES apud ABRANTES, 2002, p. 62).

A educação feminina na segunda metade do século XIX ressalta os principais traços de uma mulher considerada ideal para aquele momento em que o sexo feminino pregava valores universais, que continuaram a ser buscados, ensinados e propagados no século seguinte. A partir de meado do século XIX houve um interessante processo de entrada feminina no magistério, a educação feminina é vista como cautela, pois, por intermédio da instrução a possibilidade que a educação poderia abrir às mulheres era vista como perigoso por parte dos homens, por representar ameaça ao próprio lar pela possível saída da mulher, e interesse em questões que não privilegiavam o bem estar da família e dos filhos.

A educação feminina foi entendida com cautela pelos contemporâneos e, algumas vezes, divulgavam que a mulher adquiriria um aspecto ‘masculinizante’ por meio do estudo excessivo e perderia a sua ‘essência’ e função poderia ocupar cargos dantes preenchidos apenas por homens.

## **5 EDUCAÇÃO FEMININA NO BRASIL E EM SERGIPE NO SÉCULO XIX**

Período glorioso para o desenvolvimento da educação no Brasil e Sergipe, o século XIX se destaca por apresentar diversas mudanças ocorridas com a chegada da Família Real Portuguesa. Além deste setor tão primordial para a sociedade como é a educação, outros foram responsáveis para que fosse dada a necessária importância,

a partir do desenvolvimento econômico e cultural, o teriam como base para o seu sucesso. Para se ater e compreender como ocorreu o processo de educação feminina é preciso buscar informações sobre a instrução formal recebida por estas mulheres, quisera fossem elas ministradas em Conventos ou no ambiente familiar, afinal “a mulher é depositária de todo poder do macho, do patriarca, da família tradicional, da Igreja, da ciência e da moral” (VIVELA, 2008, p. 2)

A mulher sempre teve papel importante mesmo que figurativo fora do ambiente familiar. Numa sociedade cuja base de sustentação estava ancorada na desigualdade dos gêneros, a situação da mulher brasileira e sergipana até o século XX se comparava a dos escravos e da criança, a sua figura invisível, surge como objeto de estudo na década de 1980 no Brasil, assim a “participação da mulher na sociedade reconstrói gradativamente o espaço social” (CRUZ; FRANÇA, 2011).

A Escola dos Annales apresentou novas inclusões no campo da pesquisa histórica social, ao destacar que,

as mulheres surgiram como objeto de uma história considerada incompleta, uma história contada de maneira unilateral por privilegiar a figura masculina. As exigências giravam, então, em torno da inclusão da mulher como sujeito ativo da história, o que resultou na escrita de uma história das mulheres, paralela à historiografia oficial. (SAMPAIO, 2008, p. 2).

Sendo descrita com um personagem submisso a dominação patriarcal, a mulher representava a fortaleza e a base de sustentação das famílias. Portanto,

a mulher pode assumir papel central no seio da família, mesmo no sistema patriarcal, quando sua inferioridade atinge altos níveis, uma vez que, apesar da mulher, no âmbito público, ser vítima de um sistema predatório e cruel, lhe é atribuído, no âmbito privado, a preservação da afetividade e da união da família, que engloba o marido e as crianças. (QUINTAS, 2000 apud VILELA, 2008, p. 2).

Cruz e França (2011, p. 30), reforçam tais análises quando afirma que

a sociedade brasileira requeria que a mulher fosse submissa, recatada, modesta e trabalhadora. Para as mulheres, a aprendizagem da leitura e da escrita era suficiente e se fazia na esfera privada, no espaço doméstico, onde elas recebiam a educação para a vida: a grande mestra era a Mãe.

A educação feminina ministrada nos conventos a princípio era de forma precária, ensinavam as primeiras letras, escritas, música e trabalhos manuais. Mesmo tendo o espaço do Convento, era mínima a presença de moças e quando havia, o estudo buscava objetivar a conversão à vida religiosa. A educação ofertada pelas ordens religiosas mantinha uma característica atuante, poderosa e sistemática quando aliada ao conceito de educação e o pensamento cristão. O Convento além de um local destinado à educação era visto conforme descreve Mott (1992), como prisões para moças ou mulheres que não conseguiam casamentos à altura das expectativas socioeconômicas de seus pais, membros influentes das famílias abastadas sergipanas.

Observa-se, portanto que o intuito destas famílias não era a educação formal mas apenas a "reclusão das mesmas intra-muros, na vizinha Bahia, do que correr o risco de casá-las com pretendentes de inferior condição, raça misturadas, ou pior, [...] serem ludibriadas por falsos solteiros" (MOTT, 1992, p. 34). Na concepção de Almeida (2007, p. 89), a educação dessas jovens nos conventos consistia em "aprender a bordar, coser, fazer doces, ler, escrever e contar".

Por permanecerem enclausuradas em seus lares provocaram o atraso na participação do que acontecia no mundo exterior. Aos pouco essa reclusão foi desfeita devido à assimilação de novos costumes, as mulheres buscaram novas circunstâncias socioculturais que decorreram do processo crescente de europeização.

Oficialmente a inclusão da escolarização feminina em Sergipe tem seu início com a Lei Imperial de 15 de outubro de 1827, quando são criadas as primeiras escolas de primeiras letras e implantação das cadeiras de primeiras letras. O acesso da mulher à instrução primária ocorreu com a Constituição de 1823, oferecendo um currículo diferenciado dos oferecidos aos homens.

Deste modo as mudanças ocorridas na educação sergipana foram tardias se comparadas às outras províncias brasileiras, a Lei de fevereiro de 1831 trouxera novas esperanças para as mulheres do oitocentos, a criação de novas escolas públicas para sexo feminino representou um avanço para a pequena província, sendo implantadas nas principais cidades como São Cristóvão, Estância, Laranjeiras e Propriá (FREITAS et al., 2002)

O desenvolvimento da província de Sergipe acontecia a olhos vistos, o aumento da participação feminina crescia a partir de 1841. A importância que a educação tinha nesse momento era para que se educassem melhor os filhos dessa nova sociedade que estava em amplo e constante desenvolvimento, mesmo tendo poucas escolas de primeiras letras no total de apenas 13 escolas.

Em 1848 é implantada a "primeira instituição do gênero na Província de Sergipe, o Colégio Nossa Senhora Santana, fundado e dirigido por Possidônia de Santa Cruz e Bragança" (CRUZ; FRANÇA, 2011, p. 11) na cidade de Laranjeiras em regime de exter-

nato e internato. Nunes (2008) descreve o ensino primário ofertado na Província de Sergipe como deficiente quanto ao elemento humano, além de possuir escolas em condições precárias que não tinham as mínimas condições a que eram destinadas.

Em 1870 com visão progressista Manoel Luís<sup>2</sup> defendia medidas inovadoras entre elas destaca a criação do Colégio Atheneu Sergipense e a Escola Normal; Manoel Luís afirma que “a mulher, só a mulher é que pode ser a expressão da escola verdadeira, que tem por altar a verdade e por amor o sentimento” (NUNES, 2008, p. 120), indicando-a para professora primaria.

Todavia os esforços do inspetor geral de instrução foram poucas as demandas devido ao descompromisso do professorado, bem diferente do ensino particular primário cuja qualidade superava a do ensino público, por ter em seu quadro professores de renome na Província.

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Cartas e documentos têm o dom de narrar momentos tão imprescindíveis das pessoas, o mundo do outro, o mundo de quem fala se apresenta e conduz ao mundo sedutor, fascinante. A leitura envolve o que é irreal, ilusório, imaginário. A leitura torna-se uma viagem a quem foi endereçado, tais missivas nos leva a lugares distantes a estar perto de quem o escreveu, um texto escrito por alguém num momento distante, mas próximo ao nosso, porém desconhecido e desprovido de autoexperiência.

A análise da escrita de si, em diários e cartas nas obras de Albuquerque e Paula, permitiu compreender toda temática sobre a mulher no século XIX e XX em que vão se destacar como dito no início da pesquisa, nas motivações transcritas silenciosamente em seus registros. Nota-se a valorização da escrita no cotidiano daqueles que se utilizaram dela.

Com base no diário de Aurélia nota-se a sua relação especial com seu objeto de confiança, o diário, a ele confidenciou sua vida cotidiana e os sentimentos que muitas vezes não poderiam ser compartilhados com outrem. Desta forma o espaço ofertado pelo diário àquele que se utiliza é a razão da necessidade de um espaço para confidenciar a si mesmo e acalmar os sentimentos. Por outro lado as cartas da Baronesa de Três Serros, como o diário, fornece pouca informação sobre o seu casamento e maternidade. Amélia, assim como Aurélia, inicia a sua escrita quando fica viúva.

---

2 Manoel Luís Azevedo d'Araújo, desempenhava o cargo de Inspetor Geral da Instrução, organizou o Regulamento Orgânico da Instrução Pública, criando em 24 de outubro de 1870 o Atheneu Sergipense, no governo de Tenente Coronel Francisco José Cardoso Júnior.

Conclui-se que a educação feminina mudou ao longo dos séculos, o tipo de escolarização ofertado desde o espaço do convento até ambiente escolar demonstra a transição e mudanças na importância da mulher, que deixa de ser reconhecida como um mero objeto para ter direitos antes proibidos ao gênero. A ampliação de números de vagas e criação de colégios femininos, porém a base curricular do curso ofertado na educação feminina permaneceu voltada para o aprendizado de primeiras letras e prendas domésticas.

## REFERÊNCIAS

ABRANTES, Elizabeth Sousa. **A educação do bello sexo em são luís na segunda metade do século XIX**. 2002. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Pernambuco – UFPE. Recife, 2002.

ALMEIDA, Jane Soares de. **Ler as letras**: por que educar meninas e mulheres? São Bernardo do Campo: Autores e associados. Universidade Metodista de São Paulo, 2007.

BARBOSA, Carla Adriana da Silva. **A casa e suas virtudes**: relações familiares e a elite farroupilha (1835 – 1845). 2009. 139f. Dissertação (Mestrado). Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS. São Leopoldo, 2009.

BURKE, Peter. História como memória social. In: **Variedades de história cultural**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

CRUZ, Maria Helena Santana; FRANÇA, Vera Lúcia Alves. **Educação feminina**: memória e trajetória de alunas do Colégio Sagrado Coração de Jesus em Estancia – Sergipe (1950 – 1970). São Cristóvão: UFS, 2011.

FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de. NASCIMENTO, Ester Fraga Vilas-Bôas Carvalho do, NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. Pernambuco, Sergipe, São Paulo: os caminhos do Colégio Inglês na educação feminina. In: **Horizontes**, Bragança Paulista, v.20, p.1-8, jun./dez. 2002

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução Bernardo Leitão... [et al.] Campinas, SP: UNICAMP, 1990.

MATTOS, Raimundo Cesar de Oliveira. As cartas revelam: analisando o oitocentos através da correspondência. **Anais...** XIV Encontro Regional da ANPUH-RIO. Memória e Patrimônio. Rio de Janeiro, 19 a 23 jul. 2010.

MAUX, Suelly. Escrita de si e as mulheres: um espelho da História. **Revista temática**. Ano VII, n.4, Abril, 2011

MESQUITA, Maria Luiza de Carvalho. Isabel e a escrita de si: uma princesa entre o público e o Privado. **Anais...XII Encontro de História**. ANPUH- RIO. Disponível em: <[http://encontro2008.rj.anpuh.org/resources/content/anais/1212868603\\_ARQUIVO\\_ISABELEAESCRITADESI-ANPUH.pdf](http://encontro2008.rj.anpuh.org/resources/content/anais/1212868603_ARQUIVO_ISABELEAESCRITADESI-ANPUH.pdf)>. Acesso: 24 de maio 2014

MOTT, Luiz. Sergipe Colonial e Imperial: Religião, família, escravidão e sociedade. In: MOTT, Luiz. **Sergipanas no Convento da Soledade da Bahia: 1739 - 1870**. São Cristóvão: UFS; Aracaju: Fundação Oviêdo Teixeira, 2008.

NUNES, Maria Thétis. **História da educação em Sergipe**. 2.ed. São Cristóvão: UFS; Aracaju: Fundação Oviêdo Teixeira, 2008.

PAULA, Débora Clasen de. **Da mãe e amiga Amélia**: cartas de uma Baronesa para sua filha. 2008. 264f. Dissertação (Mestrado) Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS – RS, 2008.

SCHONS, Carme Regina; GRIGOLETTO, Evandra. **Escrita de si, memória e alteridade**: uma análise em contraponto. 11<sup>a</sup> JIED – Jornada Internacional de Estudos do Discurso, 27 a 29 de março de 2008.

SILVA, Maria Emília Lins; BATISTA, Antônio Augusto Gomes. **Escritas para si, escritas para o outro nas memórias de um grupo de docentes**. GT: Alfabetização, Leitura e Escrita/n.10. Disponível em: <[www.anped.org.br/reunioes/28/textos/gt10/gt101103int.rtf](http://www.anped.org.br/reunioes/28/textos/gt10/gt101103int.rtf)>. Acesso em: 5 maio 2014.

OLIVEIRA, Claudia Fernanda. **A educação feminina na comarca do Rio das velhas (1750- 1800)**: a constituição de um padrão ideal de ser mulher e sua inserção na sociedade colonial mineira. 2008.187f. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Minas Gerais, 2008.

ORRÚ, Carla Maria dos Santos Ferraz; ANDRADE, Benedita de Paula. **A escrita de si e a caráter revelador da escrita em textos não verbais**. Disponível em: <[http://www.unitau.br/scripts/prppg/la/5sepla/site/comunicacoes\\_orais/artigo-carla\\_maria\\_marie-ta\\_benedita.pdf](http://www.unitau.br/scripts/prppg/la/5sepla/site/comunicacoes_orais/artigo-carla_maria_marie-ta_benedita.pdf)>. Acesso em: 1 maio 2014.

PRIORI, Mary del. **A carne e o sangue**: a Imperatriz D. Leopoldina, D. Pedro I e Domitila a marquesa de Santos. Rio de Janeiro: Rocco Digital, 2012.

RIBEIRO, Renato Janine. Memórias de si, ou... **Revista Estudos Históricos**, v.11, n.21, 1998. Disponível em: <<http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewArticle/2068>>. Acesso em: 22 maio 2014.

SAMPAIO, Juliana da Cunha. **Os manuais de bom comportamento e a educação feminina na América Portuguesa**. Anais do II encontro internacional de história colonial. Mneme – Revista de Humanidades. UFRN. Caicó (RN), v. 9. n. 24, Set/out. 2008. Disponível em: <[http://www.cerescaico.ufrn.br/mneme/anais/st\\_trab\\_pdf/pdf\\_st1/juliana\\_sampaio\\_st1.pdf](http://www.cerescaico.ufrn.br/mneme/anais/st_trab_pdf/pdf_st1/juliana_sampaio_st1.pdf)>. Acesso em: 10 jul. 2014.

SCOTT, Joan. Gênero, uma categoria de análise histórica. In: **Educação e Realidade**, v.16, n.2, Jul/Dez 1990. Tradução de Guacira Lopes Louro. Porto Alegre.

VILELA, Iêda Maria Leal. **Aspectos da educação feminina em Sergipe no século XIX: um estudo sob a perspectiva histórico-cultural**. Disponível em: <<http://www.sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe5/>>. Acesso em: 4 jul. 2014.

---

**Data do recebimento:** 12 de julho de 2014

**Data da avaliação:** 12 de Julho de 2014

**Data de aceite:** 21 de Julho de 2014

---

1 Acadêmica do curso de Administração da Universidade Tiradentes – UNIT. E-mail: yaravieira2@gmail.com